

A CONCEPÇÃO DE PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN*: O EU COMO CENTRO PESSOAL.

Alexandre de Oliveira**

RESUMO

A presente pesquisa descreve a concepção de pessoa humana a partir da ideia do *eu* como centro pessoal. O homem é um dos objetos filosóficos mais problemáticos de toda a história da filosofia. É neste sentido que a pensadora busca oferecer uma contribuição. A fim de fazer um estudo comprometido com o pensamento da autora, usamos na maior parte do texto o método de pesquisa descritiva a partir do seu livro *Estrutura da Pessoa Humana*. Na obra, Stein descreve a estrutura triádica humana: espírito-alma-corpo. Essa constituição triádica do homem mostra que dele se diz pessoa humana porque ele vai além da coisa material, vegetal, animal. Possui uma alma espiritual. Nesta configuração, há um núcleo pessoal que lhe permite dizer de si mesmo, “*eu*”. O *eu* é responsável pela sua própria formação. A pesquisa encontra razões que resultam dignas de credibilidade à concepção proposta por Stein. O trabalho contribui para uma atuação mais humanitária acerca de si próprio e do outro. Também oferece uma compreensão útil para as diversas áreas científicas que tenham o homem por seu objeto principal.

Palavras-Chave: Pessoa. *Eu*. Homem.

1 INTRODUÇÃO

Edith Stein¹ é uma das personalidades marcantes do século XX. A construção de seu pensamento está inteiramente fundamentada na sua história de vida e nos anseios do seu próprio coração. Preocupada com o rumo do século, Edith Stein avança na busca da verdade. Escolhe o método fenomenológico de Husserl, seu grande mestre.

Apesar de ter fundamentos na metafísica cristã, mais especificamente da filosofia tomista, o seu pensamento antropológico não carece de legitimidade. O método fenomenológico permite investigar o homem a partir daquilo que lhe é próprio e evidente. Eis um dos motivos que se atribui relevância ao seu pensamento. Não é uma filosofia

** Graduado em Filosofia; Graduando do 2º semestre de Teologia, Universidade Católica do Salvador. E-mail: ale-wa@hotmail.com.

¹ Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) foi uma filósofa alemã. Sua família era de origem judia. Com apenas 14 anos de idade, Edith deixa a crença de sua família e adere a um ateísmo. Conhece a fenomenologia e o seu criador, Edmund Husserl (1859-1938), o qual passa a ser orientador de doutorado aprovado em 1916. Também passou a ser sua assistente. O principal objetivo de sua vida era a busca da verdade que acredita ter encontrado no catolicismo aos 31 anos de idade. Tornou-se monja carmelita em 1933. Escreveu muitas obras de cunho filosófico, essencialmente antropológico, das quais a base desta pesquisa: “Estrutura da pessoa humana”. Por ser judia, Edith Stein foi assassinada brutalmente pelos nazistas na câmara de gás em Auschwitz.

tendenciosa, de cunho ideológico cristão ou de outra natureza. Na obra “Estrutura da Pessoa Humana”, percebe-se o seu cuidado ao falar do homem. Para Stein, o homem é constituído de corpo, alma e espírito. Esta constituição permite ao homem ser percebido como pessoa. Torna-se possível a formação deste espírito rumo à perfeição.

Esta pesquisa busca descrever a centralidade do *eu* a partir do pensamento de Edith Stein. Numa perspectiva fenomenológica, ela identifica que a pessoa humana se distingue de todos os demais seres porque possui um *eu* que a torna livre em relação e responsável pela sua própria informação (configuração pessoal). O homem é pessoa por possuir liberdade diante de si mesmo. A pessoa é sujeito consciente de todas as suas ações. Este artigo se desenvolverá em dois grandes tópicos que descreverão esta relação entre pessoa e *eu-pessoal* mais profundo.

2 O HOMEM COMO SER PESSOAL

2.1 Traços do homem-animal

Há no homem uma abertura sensitiva para as impressões externas e internas. No entanto, por possuir capacidades superiores aos instintos, ele é capaz de experimentar interiormente os próprios atos instintivos. A grande superioridade da percepção humana se encontra na facticidade de sentir e reagir instintivamente através de sua configuração objetiva e relacionada com uma composição de coisas. O que se ouve, toca, vê, enfim, é realizado num corpo concreto, numa coisa outra. Como exemplificará Edith (2003, p. 644), quando uma cor é vista, é vista nalguma coisa; de igual modo, quando se ouve um barulho, ouve-o emitido de alguma coisa específica; e assim sucessivamente. Em todos os casos há um afeto sensível, seja no corpo mesmo ou nalgum órgão dele. Sendo afetado, o corpo responde com reações (tanto ações voluntárias, quanto inibição de algum movimento instintivo). Às sensações, nota Edith, estão unidos sentimentos: seja este de aprovação ou reprovação das impressões. As anotações anteriores evidenciam que não se pode negar a existência dos instintos, mas, é perceptível que neles o homem não possui segurança e fineza (cf. STEIN, p. 645).

É possível perceber o homem mesmo² em sua experiência espontânea, quando ele age livre de qualquer reflexão. Na experiência espontânea é possível captar movimentos anímicos regulares e características permanentes (cf. STEIN, p. 646). Esses dados permitem conhecer o

² “Homem mesmo”, ou melhor, os traços do sujeito que age, a pessoa.

seu modo de ser. Para Edith, existe uma relação ontológica de atos³ e potências⁴ que estão em permanente interação. A fundamentação dos atos regulares está na potência. É o que expressa Sberga:

Assim como a vida psíquica atual é fundada ontologicamente sobre potências, e ambas se atualizam e formam outra forma de ser. Essa atualização repercute sobre as potências. Estas não são fixas e imutáveis, mas sofrem, elas mesmas, no momento no qual se atualizam, uma transformação. (SBERGA, 2014, p. 116)

Sendo assim, a potência garante sua forma no contato com o ato do ser. Deste modo, aponta Edith, a potência recebe da escolástica o nome de *habitus*⁵. Inclusive, ainda para ela, no animal essa capacidade pode ser exemplificada no adestramento.

A estrutura da alma humana, segundo Stein, segue fundada numa unidade estabelecida na relação entre atos, potências e *habitus*. Nem todas as potências, bem como, nem todos os atos são ativados num mesmo tempo. Para ela, é possível que a alma tenha um limite de força, de modo que, o homem pode exercer distintas atividades num mesmo momento, mas, ao mesmo tempo, inibir o exercício de outras atividades por conta daquelas. Por estes motivos, o homem atualiza-se muito pouco aquilo que é em potência. Muitas de suas capacidades podem findar sem realização ao longo da vida. Massimi explica que

A potência se expressa da ação que dela resulta. Neste sentido, a potência é a forma accidental da alma. As potências da alma não são a essência da alma, e, portanto, elas não se identificam com o sujeito. Há somente uma essência da alma, um único substrato comum dotado de uma pluralidade de potências. A potência é ordenada pelo ato. (2013, p. 113).

A complexidade do homem é, nas palavras de Stein, um “contínuo processo de fazer-se e transformar-se”⁶ (STEIN, 2013, p. 647, tradução nossa^{***}). A composição anímica-corporal vai cada vez mais tomando forma firmemente estabelecida. Ela é resultado da atualização de algumas capacidades e retenção de outras. No entanto, é preciso levar em conta

³ O ato é a existência real e atual do ser.

⁴ Edith Stein conserva o sentido de potência aristotélica. A potência “em geral é o princípio ou possibilidade de uma mudança qualquer” (ABBAGNANO, 1998, p. 782).

⁵ Explica Massimi (2013) que o termo hábito deriva da palavra latina *habitus*. “Significava uma constituição, um estado do corpo e da alma, uma maneira de ser; alguma coisa que se tem (*habere* = ter). É contrário de ‘hábito’ que é um mecanismo já montado e fixo”, o termo é importante para Stein, “[...] pois se trata de um princípio endógeno e imediato do agir humano” (MASSIMI, 2013, p. 119, grifos do autor). Outrossim, só o homem tem a capacidade de desenvolver segundo um *habitus*. Em suma, esta maneira de ser “é uma disposição, uma capacidade da natureza humana, a qual se enraíza em sua natureza específica e individual, finalizada pelo agir. É como um intermediário entre o dado ontológico e dinâmico da natureza e seu acabamento humano. [...] Só existe *habitus* nas disposições naturais do homem que não sendo regradas pelo instinto e por outros determinismos. [...] Nos termos de psicologia contemporânea, o *habitus* é um dinamismo estruturado e estruturante da pessoa” (Ibid., p. 119-120, grifos do autor).

^{6***} Por não haver tradução da obra para o idioma português, será usada a tradução espanhola, assumindo-se a responsabilidade pela tradução para o português aqui utilizada.

as condições que favorecem ou não este desenvolvimento. Entre outros fatores, as condições materiais são determinantes para tal desenvolvimento. A relação estímulo-resposta são determinantes para o desenvolvimento das capacidades, sobretudo dos animais. Segundo Stein, de mesmo modo que os animais mantidos em cativeiro não conseguem caçar, se soltos, “[...] as capacidades do homem que não encontra ocasião para atualizar-se podem ficar atrofiadas”⁷. Aqui é demarcado o limite daquilo que jaz no homem em comum com os animais.

2.2 Estrutura Pessoal

A exclusividade do homem em relação ao meramente animal, segundo Stein, é que ele é pessoa, diz de si mesmo *eu*, de modo que “[...] ele pode se dá conta da *unidade* profunda que existe entre seu corpo, sua psique e seu espírito” (SBERGA, 2014, p. 117). O animal é capaz de lançar o seu olhar para o que lhe é alheio, no entanto, ele é incapaz de voltar-se a si mesmo e penetrar o seu próprio interior:

[...] o ser humano tem uma estrutura pessoal, ele é uma pessoa, e isso o diferencia de todos os outros seres da natureza. Como ser humano, pode ter atos de reflexão e discernir o que acontece com ele e também aquilo que acontece com os outros. (Ibid).

O homem, segundo ela, é senhor de sua alma, quando um *eu* e outro *eu* cruzam-se o olhar, estes se respondem. No entanto, como senhor de si, o homem tem a capacidade de abrir-se ou fechar-se ao encontro. Quando há uma abertura, alcança-se o interior do outro *eu* e, conclui Stein, este outro *eu*, passa a ser um *tu*. Esta realidade vivenciada pelo homem permite afirmar que “ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual”⁸ (STEIN, 2003, p. 648). Preliminarmente, para Stein, a espiritualidade da pessoa é compreendida em dois aspectos: despertar e abertura. Assim, pode-se compreender que a espiritualidade do homem é a característica que o permite ter consciência de si, de mesma forma, ter consciência do que lhe é alheio: “Não só *sou*, e não só *vivo*, senão que *sei* de meu ser e de minha vida”⁹ (Ibid., p. 649). Para ela, o saber que pertence ao ser (consciência) é uma luz que pertence ao ser mesmo de modo originário.

Ser livre, para Stein, significa ter uma interior disposição de, diante do mundo, perceber que pode. O saber de si e das coisas que lhes são externas, faz o homem perceber que é capaz de se interessar pelo que lhe é alheio. Os animais são estimulados instintivamente

⁷ “[...] las capacidades del hombre que no encuentran ocasión para actualizarse pueden quedar atrofiadas”.

⁸ “Ser persona quiere decir ser libre y espiritual”.

⁹ “No sólo *soy*, e no sólo *vivo*, sino que *sé* de mi ser y de mi vida”.

a alcançar coisas que lhes são desejadas no mundo e não lhes é dada a capacidade de negar-se a estes estímulos. De igual modo, o homem se vê convidado pelas coisas do mundo e até desejoso de apoderar-se delas, mas, ao contrário dos animais, possui a capacidade de negar-se ao que se lhes oferece. Enquanto nos animais a alma é o centro que possui um mecanismo seguro e fixo de ação e reação, os homens têm em si mesmo o seu centro que lhe permite decidir ora agir assim, ora de outra maneira. Stein nota que do poder emana outra dimensão: o dever. A escolha de um algo e não do outro algo permite compreender que há uma atitude intelectual que julgar dever escolher este e não àquele.

3 CONFIGURAÇÃO DA PESSOA – O EU

3.1 O eu, núcleo pessoal

Ocorre que a forma interna¹⁰ age sob a matéria dando-lhe uma força viva que funciona informando o seu ser, dentro de sua espécie bem estrutura. Deste modo, a forma interior é responsável pela formação daquele ser orgânico. A novidade da especificidade humana neste quesito, de acordo com Stein, está no exercício de auto informação de si. No caso do homem, ele mesmo é responsável, através do espírito, em dar forma à sua natureza animal e a conduzir para à plenitude de sua personalidade. Essa responsabilidade está na atuação do *eu* sobre *si mesmo*. O *eu* é capaz de dizer *simesmo*, mas, ao contrário, o *simesmo* não é capaz de dizer o *eu*, senão sê-lo.

O homem tem, portanto, uma estrutura totalmente distinta dos animais. Stein constata que os dados sensoriais estão dispostos no homem de tal forma que aponta sempre para algo. Existe uma configuração dos objetos no mundo que são acessíveis aos sentidos humanos. Por intervenção espiritual o homem percebe, através dos sentidos, os objetos do mundo e, de igual modo, pode converter sua atenção ao próprio sentido, tornando-o objeto. Essa objetivação dos sentidos converte-se em estados do corpo, passando a desempenhar uma nova função cognoscitiva (cf. STEIN, 2003, p. 650). Stein denomina esta configuração como “[...] a forma básica da vida anímica especificamente humana: a *intencionalidade*”¹¹ (Ibid., grifos do autor). A intencionalidade, afirma Stein, acontece nos três seguintes elementos: “[...] o *eu* que mira a

¹⁰ Configuração própria da espécie. Para Stein, a peculiaridade do ser vivo está na forma, pois é ela que lhe comunica existência. A forma interna buscará alcançar a perfeita configuração do organismo, pois ela é, segundo comenta Kusano (2014, p. 79), “na realidade um princípio de vida que garante ao corpo crescimento, organização da matéria, a junção das partes em um todo unificado e que faz o organismo apontar para algo que está além de si mesmo pela reprodução: a espécie”.

¹¹ “[...] la forma básica de la vida anímica específicamente humana: la *intencionalidad*.”

um objeto; o *objeto* a qual o eu mira; o *ato* no qual o eu vive em cada caso e se dirige a um objeto desta ou daquela maneira”¹² (Ibid., grifos do autor). Esta estrutura intencional desemboca na percepção. O ato perceptivo deve converter-se em muitos outros atos que possui o homem. Há, para Stein, uma correspondência entre a estrutura formal do mundo dos objetos e a estrutura e o ato perceptivo (cf. Ibid., p. 651).

Além de ser considerada a primeira, a percepção sensível é uma das mais baixas atividades do espírito. A intervenção espiritual no mundo dos objetos, como supramencionado, ocorre através da estrutura intencional do homem. Assim como a estrutura sensorial humana permite a descoberta de dados sensíveis acerca dos objetos, a estrutura espiritual vai ao encontro do âmago do objeto, descobrindo sua essencialidade. Edith denomina esta capacidade por entendimento ou intelecto. Deste modo, a liberdade do homem o permite refletir e abstrair. Ele é responsável pelo seguimento que dá a seguir da percepção sensível através de sua livre vontade. Segundo ela, há uma correlação necessária e dependente entre o “eu inteligente” e o “eu voluntário”, de modo que, “[...] conhecer e querer se encontram reciprocamente condicionados”¹³ (Ibid., p. 651).

Os animais sentem estímulos de prazer e desprazer para com os objetos que se lhe aparecem e respondem de maneira determinada a estes estímulos. Diferentemente, o sentimento de prazer e desprazer no homem não está determinado a uma resposta fixa. Os estímulos vêm acompanhado por estados interiores, bem como por uma série de atos intencionais que dão ao objeto certa qualificação. Stein denominará essas qualidades por *valor*. Para Stein, “[...] o mundo se nos revela como um mundo de valores”¹⁴ (Ibid., p. 652), de modo que a pessoa espontaneamente reage aos objetos, seja numa escala objetiva (belo ou feio), seja subjetiva (satisfaz ou repele). Os valores, portanto, mostram algo do ser peculiar do homem.

A informação da vida anímica é executada pela estrutura do *eu*, a forma intencional; além da livre atividade do *eu* que pode. O homem, portanto, é informado pela sua capacidade espiritual de apreender intencionalmente o mundo, bem como através de sua tomada de posição (decisão) frente à realidade que se lhe apresenta.

Para Stein, a forma do *eu* não tem uma localização espacial no corpo ou fora dele, senão que ele corresponde a uma unicidade com o próprio *simesmo*: “Eu não sou meu corpo,

¹² “[...] el yo que mira a un objeto; el *objeto* al que el yo mira; el *acto* en que el yo vive en cada caso y se dirige a un objeto de esta o de aquella manera.”

¹³ “[...] conocer y querer se hallan reciprocamente condicionados.”

¹⁴ “[...] el mundo se nos revela como un mundo de valores”.

senão que o possuo e o domino. Também posso dizer: sou *em* meu corpo”¹⁵ (Ibid., p. 654, grifos do autor). Devido a alguma dificuldade do cérebro que ocasionasse a perda de consciência, não é possível determinar nem espacialidade e nem separação do *eu* com o *corpo*:

Posso separar-me idealmente dele e contemplá-lo como de fora. Mas na realidade, estou atado a ele: estou ali onde está meu corpo, por muito que “com o pensamento” possa transladar-me ao outro extremo do mundo [...]. Não posso determinar um ponto do corpo na qual o eu tivesse seu próprio lugar. [...] ainda que a anatomia do cérebro pudesse indicar uma parte concreta do mesmo cuja destruição produzisse o desaparecimento da “consciência do eu” e de toda a estrutura pessoal-espiritual, seguiríamos sem poder dizer que neste ponto tivesse o lugar próprio do eu.¹⁶ (Ibid.).

3.2 Centralidade do *eu*

Não é possível encontrar uma localização do *eu*. Ele se manifesta na própria vivência. Quando se referencia ao corpo é uma referência ao *eu*. É possível dizer: “Sou um homem e tenho corpo e alma. Meu corpo é o corpo de um homem e minha alma é alma de um homem, e isto significa que é um corpo pessoal e uma alma pessoal” (p. 655). Dizer que o corpo é pessoal, para Stein (2013), significa inferir que nele habita um *eu* que tem liberdade de configuração sobre este corpo. “O ‘eu’ está presente em todas as partes do corpo: os processos corporais são inclusos na vida pessoal. Cada movimento constitui um ato pessoal, que se refere a um mesmo corpo, sentido e compreendido” (SANTANA, 2016, p.82). A alma humana é forma do corpo, mas, também, é dotada de espírito e razão, o que determina, para Stein, uma substancialidade espiritual não necessariamente unida ao corpo. Existem estas distintas funções, “mas toda a alma - a que informa o corpo, a animal-vital e a espiritual - é concebida como *uma só alma*”¹⁷ (STEIN, 2003, grifos do autor). Explica Sberga (2014, p. 117) que,

Stein fala da alma do ser humano, indicando-a como a união entre psique e espírito. É uma dualidade, que não significa duas partes separadas, mas uma unidade sem contrastes, que acontece no âmago do ser. Portanto, a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, mas intrinsecamente unidos. O corpo é um corpo

¹⁵ “Yo no soy mi cuerpo, sino que lo poseo y lo domino. También puedo decir: soy *en* mi cuerpo”.

¹⁶ “Puedo separarme idealmente de él y contemplarlo como desde fuera. Pero en realidad estoy atado a él: estoy allí donde está mi cuerpo, por mucho que ‘con el pensamiento’ pueda trasladarme al otro extremo del mundo [...]. No puedo determinar un punto do cuerpo en el que el yo tuviese su lugar propio. [...] aunque la anatomía del cerebro pudiese indicar una parte concreta del mismo cuya destrucción produjese la desaparición de la “consciencia del yo” y de toda la estructura personal-espiritual, seguiríamos sin poder decir que en este punto tiene el yo su lugar propio.”.

¹⁷ “Pero toda el alma –la que informa al cuerpo, la animal-vital y la espiritual– es concebida como *una sola alma*.”.

vivo que tem uma alma humana viva. O eu, através da consciência, diz que tem vivência que chega até a alma.

O *eu* tem uma capacidade de estar concentrado num dado problema e, simultaneamente, noutros problemas periféricos. A contraposição de centro versus periferia não significa dizer uma espacialidade ou extensão do *eu*, mas sim as direções e forças na qual se dirige a sua própria atividade. Recorda Stein, que “Husserl tem designado o sujeito dos atos, àqueles do qual irradia toda a vida da consciência, como ‘*eu puro*’, e desta maneira a tem caracterizado de modo funcional. Carece de extensão, de qualidade, de substancialidade”¹⁸ (STEIN, 2003, p. 656, grifos do autor).

Segundo Stein, a conceituação acima ainda é insuficiente para dizer o *eu*. O que interessa é perceber que há uma contraposição entre superficialidade e profundidade¹⁹. A alma possui uma “espacialidade interior”: “minha alma tem extensão e altura, pode ser enchida por algo, há coisas que podem penetrar nela”²⁰ (Ibid.). Nestas palavras, Stein quis dizer que a alma possui limites interiores acessíveis, os quais lhe possibilita séries de vivências em seu interior. O *eu* carece de espacialidade física. Nele, nenhum não-*eu* habita nem penetra. A alma e o *eu* estão paralelamente nivelados. A existência da alma humana precisa, necessariamente, do *eu*, bem como, o *eu* necessita da alma. Na alma, o *eu* se caracteriza por ser atualização superficial ou profunda. Segundo Stein, no espaço anímico, o *eu* tem seu lugar próprio na alma e busca o descanso, só a partir deste, é possível alcançar a profundidade da alma. É isso que observa Sberga quando comenta que

[...] o centro da alma, estudado por Stein, é marca distintiva do ser humano. Para que o ser humano possa se desenvolver, precisa ir ao núcleo, à sua profundidade, a sede da presença da verdade ou de Deus, onde se manifesta a máxima transcendência, presente na imanência. Santo Agostinho diz que quanto mais se escava a profundidade, mais se tem abertura àquilo que transcende, ou seja, quanto mais o sujeito adentra a interioridade, mais aberto está para analisar e acolher aquilo que vem de fora. (SBERGA, 2014, p. 119).

A liberdade do *eu* lhe permite estar noutros lugares que não seja a alma. Se ele estiver na superficialidade, não desenvolver suas atualizações, a pessoa estará sujeita a carências de habilidades que são próprios da sua especialidade enquanto *eu* potencial. Ocorre que, “neste caso, a pessoa não está inteiramente em suas próprias mãos e não vive sua vida íntegra”²¹

¹⁸ “Husserl ha designado al sujeto de los actos, a aquello desde lo que irradia toda la vida de la consciencia, como “*yo puro*”, y de esta manera lo ha caracterizado de modo funcional. Carece de extensión, de calidad, de sustancialidad.”.

¹⁹ No sentido de Interior. O que está na interioridade do ser.

²⁰ “Mi alma tiene extensión y altura, puede ser llenada por algo, hay cosas que pueden penetrar en ella.”.

²¹ “En ese caso, la persona no está del todo en sus propias manos y no vive su vida íntegra”.

(STEIN, p. 657). A pessoa não alcança o nível de profundidade e por isso não é capaz de enfrentar as demandas externas, bem como enfrentar-se, enfrentar suas ações falidas. A responsabilidade por esta situação advém da própria pessoa, pois através de sua liberdade ela pode tomar alguma posição:

Agora bem, a liberdade pode ‘buscar-se a si mesma’, descer às suas próprias profundidades, a partir delas captar-se a si mesma como um todo e tomar posição de si. Por isso, quando a alma não logra chegar à plenitude de seu ser e de seu desenvolvimento, é culpa da pessoa²² (Ibid.).

O *eu*, a partir do seu desenvolvimento normal, tem capacidade de conduzir-se enquanto pessoa. A responsabilidade a qual se refere não é moral (embora a tenha também desta), mas sim constitucional. Pois, como afirma Zilles (2017, p. 371),

o sujeito das vivências é o “eu” puro. Dele parte o fluxo das vivências intencionais. Ele é o indivíduo absoluto que forma a unidade das vivências em seu fluxo. É o eu que faz com que a alma se possua a si mesma. O núcleo mais profundo do eu é o lugar de sua liberdade no qual a pessoa pode recolher-se e decidir sobre seu ser inteiro.

Ou seja, a pessoa deve viver de tal modo que alcance os comandos mais profundos possíveis do seu *eu*. Assim, não restarão culpas graves de suas vivências, senão consciência de ação livre.

A configuração da pessoa humana não é algo facultativo. O homem não escolhe ser livre, ele é naturalmente portador de um poder livre. A mesma motivação que o faz dizer de si mesmo “posso”, é a que exige uma escolha, um dever. Existe uma dimensão que julga a possibilidade mais cabível de escolha, denominada *consciência*. A consciência leva em si pressupostos que revela como o *eu* deve conduzir-se nas diversas circunstâncias da vida pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva fenomenológica da pessoa humana em Edith Stein é caracterizada pela genuinidade de sua investigação. Ela aborda muitos elementos importantes daquilo que se pode dizer do homem. A tentativa realizada nesta pesquisa surte efeito ao passo que consegue manifestar alguns passos dados pela autora ao escrever acerca do homem na obra *Estrutura da Pessoa Humana*. Dizer o homem é algo muito complexo. A investigação de Edith Stein jamais teve a pretensão de encerrar o tema acerca do homem. Mas é importante afirmar que o

²² “Ahora bien, la libertad puede ‘buscarse a sí misma’, descender a sus propias profundidades, desde ellas captarse a sí misma como un todo y tomar posesión de sí. Por ello, cuando el alma no logra llegar a la plenitud de su ser y de su desarrollo, es culpa de la persona”.

seu pensamento é excepcional a diversos outras áreas de investigação, dentre essas, se destaca a psicologia contemporânea, que utiliza boa parte de seu pensamento, tornando cada vez mais crescente o conhecimento de sua filosofia.

Na obra encontram-se alguns elementos da pessoa humana. Ela é uma figura extremamente peculiar em todas as suas dimensões e, pela sofisticada estrutura e constituição, superior a qualquer outra espécie de ser criado (exceto aos anjos). O texto da *Estrutura*. Por ser espiritual, lhe é permitido dizer de si mesmo, “eu”. Este “eu” mira para o si-mesmo-corpo ou para o si-mesmo-psique para deles cuidar ou inferir seus estados. Mais além, ele pode mirar no si-mesmo-eu. O homem possui um “centro pessoal” ou “núcleo do ser” que está presente na alma e corresponde ao espírito. A alma não está localizada espacialmente no corpo, embora, as funções próprias da psique estão associadas a mais ou menos uma região corporal. Ele é o *eu* que está presente na inteireza do ser humano. O espírito é irradiado por uma atração que lhe sai do seu mais profundo interior a fim de alcançar algo que está superior a todo fenômeno empírico-transcendental. É um ser metafísico-espiritual, que atua em todas as coisas e donde todas as coisas provêm. Por isso, o espírito humano requer desenvolvimento, busca a sua máxima criação cultural, ou seja, executar todas as suas potencialidades e alcançar o nível máximo de atualização da sua natureza singular.

A importância da pesquisa se deve a alta demanda de precisão de uma compreensão coerente acerca da pessoa humana. Atualmente se perdeu muito da essência do homem e este é tido meramente como ser constituído materialmente. É preciso continuar buscando suas raízes mais profundas, através de pesquisas ideologicamente desinteressadas. Edith Stein escreveu muitas obras que podem ajudar ainda mais no conhecimento do homem.

REFERÊNCIAS

ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**: uma nova fundação da antropologia filosófica. Tradução de Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.

BELLO, Angela Ales. **A Fenomenologia do ser humano**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru-SP: EDUSC, 2000.

CARDOSO, Carolina de R. D.; MASSIMI, Mariana. Fundamentos da Psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein. In: MAHFOUD,

Miguel; MASSIMI, Mariana (ORG.). **Edith Stein e a psicologia: Teoria e Pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 51-77.

GARCIA, Jacinta Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

MASSIMI, Mariana. Compreender a estrutura da pessoa: diálogo entre fenomenologia e filosofia aristotélico-tomista, por Edith Stein In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Mariana (ORG.). **Edith Stein e a psicologia: Teoria e Pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 101-126.

ROSA, Gabriel Moura da Silva; SILVA, Edmar José da. A pessoa humana no pensamento de Edith Stein. **Rev. Crátilo**, vol.8, n.2, p. 90- 101, 2015.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein: a construção do ser pessoa humana**. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2016.

SBERGA, Adair Aparecida. **A Formação da Pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento interior**. São Paulo: Paulus, 2004.

STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: E. Stein - **Obras Completas - v. IV: escritos antropológicos y pedagógicos**. Trad. F. J. Sancho et al. Vitoria, Espanha: El Carmen, 2003, pp. 555-740.

ZILLES, Urbano. Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian (orgs.). **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação**. São Paulo: Paulus, 2017.